

CEDI
1.297
28 1.2 175

17

ÍNDIOS

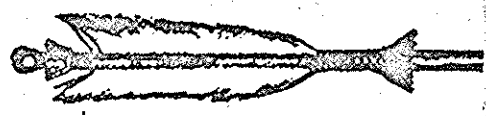
Ⓢ

VEH-6608.69

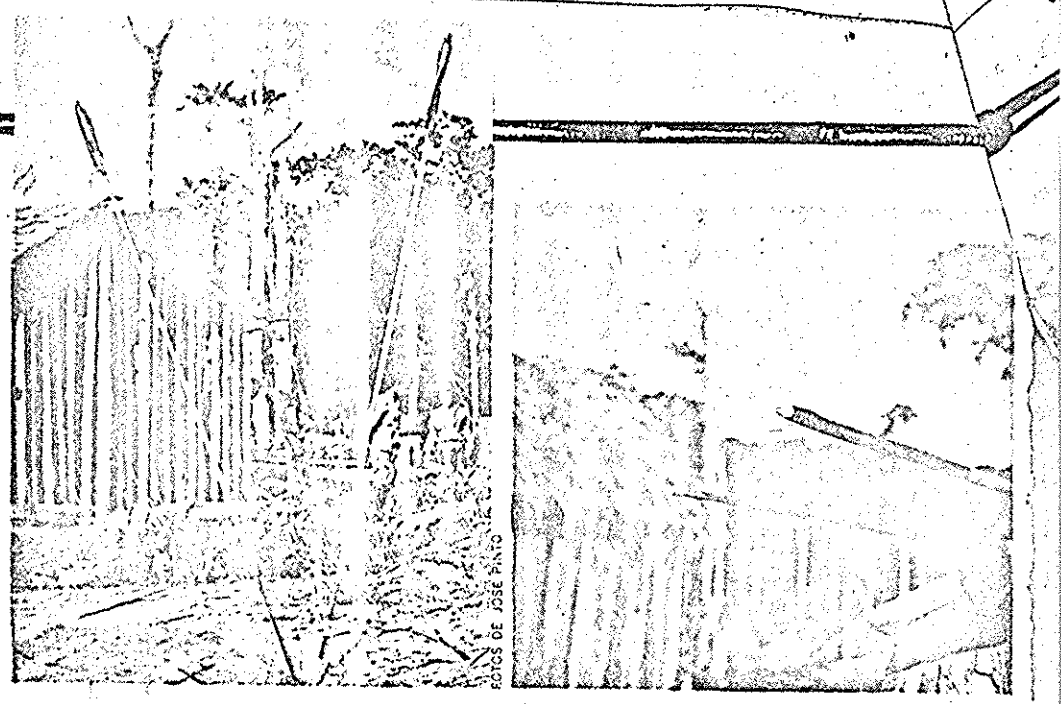
As armas dos brasileiros civilizados, os arcabuzes e as metralhadoras, o resfriado e a varíola há séculos estão derrotando esse povo. Agora, os índios usam flechas para defender as suas terras contra os invasores, como Clóvis Sousa, morto pelos gaviões

6.8.69



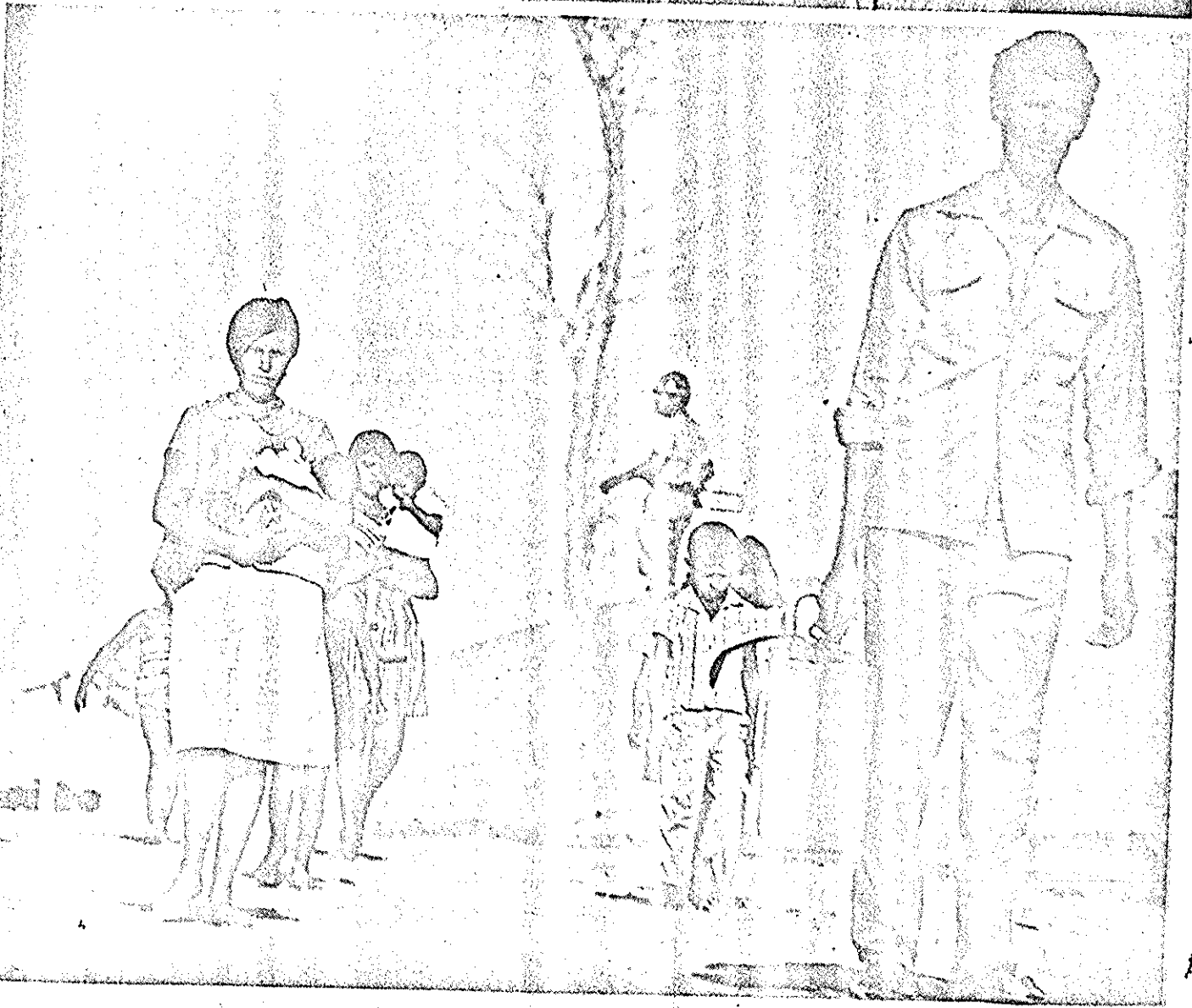


A declaração formal de guerra ao invasor — as duas flechas trançadas (na foto ao lado) — foi deixada pelos gaviões na fazenda em que mataram Clóvis e outros dois lavradores, à margem da estrada Belém—Marabá, no Pará. A expedição de civilizados que foi buscar os cadáveres (foto abaixo) levou um sinal de paz, os facões (acima). Nela estava o sobrevivente do ataque, Moreno (à direita, foto maior)

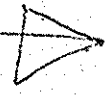


Ind g

Os índios descobrem que entre os civilizados só se respeita a violência. Há tempo um decreto lhes deu a faixa esquerda da estrada, mas só depois da luta é que Artur, o "proprietário" (à direita), e as famílias de seus empregados (abaixo) saíram da terra invadida. Voltou a paz, até que haja outra invasão



FOTOS DE JOSE PINTO



Índios guerreiros guardam a paz de sua terra



As manchas vermelhas das tintas de guerra tiradas dos frutinhas do urucum ainda estão colorindo a pele escura dos índios gaviões. Por um momento, elas podem aparecer vagamente destacadas contra o verde imenso da floresta, numa das poucas clareiras à margem esquerda do rio Tocantins, no Pará, perto do Maranhão e de Goiás. Mas, se a pele ainda carrega a cor da guerra, as mãos e os braços dos gaviões agora só fazem gestos de paz, embora de seus lábios só saiam palavras hostis à perfídia dos brancos. Em duas batalhas nos últimos dez dias — em uma morreu um, na segunda morreram três civilizados —, os gaviões conseguiram o que queriam ao começar sua guerra. Os últimos sertanejos já abandonaram as roças que tinham plantado e as casas que tinham construído sobre o chão que, por decreto federal, pertence aos índios. Os sertanejos, dezenas deles, vieram de muito longe, dos sertões do Espírito Santo, da zona da seca da Bahia, à procura de novas terras.

A pé e de caminhão, foram chegando a Marabá, no Pará, atraídos pelos trabalhos de construção da estrada até Belém. Terras às margens dessa estrada lhes foram "vendidas" por grileiros, e ali os sertanejos se instalaram, plantando feijão, milho e mandioca, mais para se sustentarem do que para vender aos trabalhadores da estrada, aos colhedores de castanha, aos lenhadores de madeira de lei, aos garimpeiros de ouro e de diamantes e aos que procuram cristal de rocha.

Mas, as terras eram dos índios e os gaviões as defenderam, com suas flechadas mortíferas.

Assim, a paz voltou à floresta, mas essa paz é uma guerra. Para os sertanejos expulsos pelos gaviões, o futuro é incerto. Não sabem se os índios lhes permitirão recuperar os trastes e engenhocas abandonados na fuga, nem onde poderão encontrar terras vagas, nem ao menos se lhes será devolvido o dinheiro pago pelas terras que não podiam comprar. Para os gaviões, o futuro não tem menos incertezas: há poucos anos as terras que ocupavam eram muito maiores do que as atuais. Eles sabem que a paz é apenas uma das formas da guerra que os civilizados lhes movem pela posse da terra — e que o convívio pacífico pode ser muito pior do que as in-



De Pernambuco ao Acre, de Roraima ao Rio Grande do Sul, os índios estão em todo o Brasil. Mas, só neste século, 87 tribos já foram exterminadas

cursões de jagunços armados de metralhadoras. Desde o começo do século XVII, os gaviões, nas selvas do Maranhão e do Pará, viram os civilizados chegando, primeiro para instalar colônias agrícolas e militares e, já no fim do século passado,

para explorar a castanha. Em mais de trezentos anos, muitas vezes se cruzaram os caminhos de civilizados e índios na floresta, mas eles não trocavam nem tiros nem flechadas. Nem palavras, apenas olhares, seguidos das fugas recíprocas. Na década de 30, porém, aumentou



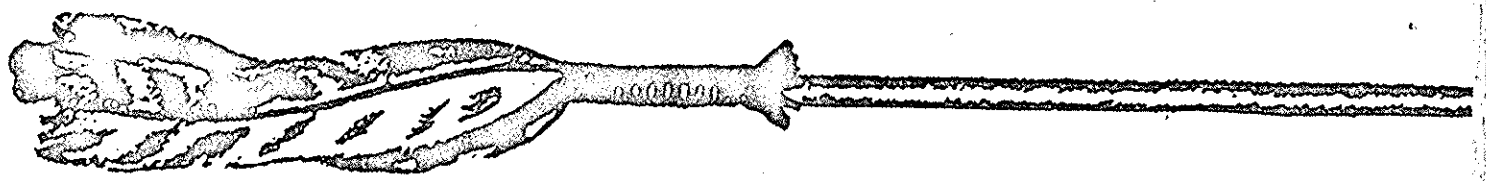
trahadora mais de trinta índios, às margens da Brasília—Acre, então em construção) reduziram os índios do Brasil de mais de 2 milhões, em 1500, para menos de 10 000, em 1969. Em 1900 existiam no País 230 tribos conhecidas, mas já em 1957 só foram localizadas 143 — isto é, 87 grupos humanos, cada qual com sua língua e suas crenças próprias, desapareceram deixando como vestígios apenas os seus cadáveres.

Grosso; fulni-ôs, em Pernambuco; kaingangs, no Paraná; pernas-de-pau, no Ceará; xerentes, em Goiás; tucunas, no Pará; atroaris e waimiris, em Roraima e no Amazonas; guaranis, no Rio Grande do Sul; maxacalis, em Minas Gerais. Sobre os anos anteriores, disse o procurador Táder Correia, o presidente do inquérito sobre o extinto Serviço de Proteção aos Índios, do qual muitos funcionários corruptos se aliaram a grileiros para um extermínio quase metódico dos índios: "Do roubo ao estupro, da grilagem ao assassinato, do suborno às torturas medievais, passando pelo lenocínio, pelos desregramentos e pelas taras sexuais, tudo se cometeu contra a lei e contra a moral". Mas os gaviões do Pará só adotaram a violência depois de terem lançado vários apelos para que suas terras fôssem desocupadas pelos estranhos. E depois de terem sofrido um ataque a tiros, em outubro passado. São os povos vencidos numa guerra de quase quinhentos anos que agora se levantam em armas contra o povo vencedor, que — pelo menos tanto quanto os índios podem saber — aparentemente não lhes quer deixar nem o mínimo de espaço que precisam para viver. Mas será que a única solução possível para o problema dos índios — que, enfim, é um problema de terras — é a liquidação de tantos povos? Não, existe uma segunda solução, a "aculturação" ou a "integração do índio na sociedade nacional", que vem a ser, na prática, a transformação do índio selvagem em caboclo civiliza-

o número de civilizados na região e os gaviões começaram a mostrar-se curiosos. Iam aos barracões dos trabalhadores da castanha e de lá tiravam facas, deixando em seu lugar arcos e potes, que os civilizados interpretavam como despachos de macumba para expulsá-los de lá.

O extermínio físico é uma das soluções encontradas pela sociedade brasileira em desenvolvimento, à procura de novas terras, para o problema do índio. Os índios são poucos, mas ocupam muita terra com sua agricultura primitiva. Já foram donos de 8,5 milhões de quilômetros quadrados do Brasil, para sustentar menos de 3 milhões de pessoas, mas ainda hoje dispõem de cerca de 250 000 quilômetros quadrados — quase a área do Estado de São Paulo — nas reservas federais, para assegurar a sobrevivência de poucas dezenas de milhares. Quanto tempo toda essa terra poderá ficar nas mãos dos índios? Muitos civilizados, donos de castanhais, interessados na exploração da madeira ou de minérios, camponeses expulsos pela seca, olham para essa terra com ambição ou esperanças. Alguns não hesitam em tentar expulsar os índios pela violência — isto é, pelo extermínio. Do ano passado para cá houve choques entre civilizados e xavantes, no Mato

Padres e o Serviço de Proteção aos Índios conseguiram convencer os civilizados que as intenções dos índios eram pacíficas. Só então é que um grupo de 85 índios visitou a vila de Itupiranga e, três meses depois, mais de sessenta deles tinham morrido de gripe, uma das grandes armas que os civilizados usam, consciente ou inconscientemente, para exterminar os índios. Nos quase cinco séculos de luta pela terra, os civilizados, além de atirarem com arcabuzes e fuzis, muitas vezes deixaram, de presente aos selvagens, penduradas em árvores, camisas de pessoas que tinham morrido de varíola, por exemplo. Em 469 anos, as doenças e as balas (num único dia, em 1960, um seringueiro matou a me-



O índio-caboclo: sem terra, a caminho do fim

Luiz Fernando Mercadante esteve com os kaingang, índios quase caboclos, que apenas pretendem trabalhar sua terra. Mas os brancos não os deixam em paz

A meio caminho entre São Jerônimo da Serra — pequenina cidade 100 quilômetros ao sul de Londrina — e Pedrinhas, onde está o posto indígena Barão de Antonina, encontro o primeiro kaingang. Pelos seus traços — chapéu de palha, camisa riscada, calças de brim e sapatos comuns — pouco se diferencia do caboclo. E pelos seus traços — côr, cabelos e olhos — mal se destaca dos japoneses, numerosos na área.

"Meu nome de mato é Erique, mas meu nome mesmo é Luís", diz logo o índio e se dispõe a me gular até um grupo que, mais adiante, prepara uma roça. É o puxirão, como aqui se chama o mutirão, o trabalho comum de um grupo em benefício próprio ou de um terceiro. Luís é quem explica: aqui o trabalho é para uma velha índia, com o marido velho e doente. Duas horas da tarde, sol quente, nenhum vento, numa curva da estrada aparece o grupo que trabalha. Assim que o carro pára, surgem crianças chorando e mulheres assustadas. Um a um, os trinta homens deixam o trabalho e se aproximam com suas foices e suas enxadas. "Os senhores querem alguma coisa?", pergunta o que tem ar de chefe. Ao saber que só quero estar com eles para vê-los e conversar, toda a apreensão passa. E o chefe explica: "As crianças choram porque pensam que é vacina, as

mulheres se assustam sempre e nós tivemos medo, pensamos que fosse polícia que viesse nos tirar daqui". O medo dessa gente é este: perder a pouca terra que lhe sobra. A nação kaingang do grupo "JE" já foi senhora das matas do Sudoeste de São Paulo e de quase todo o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Há cinqüenta anos, 14 000 alqueires eram deles, nesta área. Agora só têm 2 000, dos quais apenas 200 estão nas suas mãos. Assim que a noite cair, a velha que é a beneficiária deste puxirão dará um baile, onde reviverão costumes milenares, ao som de chocinhos feitos de purungas e de velhas palavras cantadas. Homens e mulheres estarão com o rosto marcado a carvão com um traço ou um círculo, símbolos da dualidade que rege a vida dos nossos índios, onde tanto um homem quanto uma mulher só podem casar, ou mesmo dançar, quando a marca de um difere da do



O fim dos xetás: do grupo da foto, apenas duas crianças ainda continuam vivas

do. O caboclo, embora não consiga reconhecer no céu a Constelação das Plêiades nem seja capaz de pintar cerâmica, precisa de lotes muito menores de terra do que os índios — que sabem reconhecer as estrelas e fazer verdadeiras obras de arte — para sustentar uma família.

Mas a aculturação, promovida principalmente por religiosos, acaba sendo quase tão trágica para os índios quanto o extermínio puro e simples — e leva a êle. Eles têm de deixar de ser índios para ser cabóclo e isso não é tão fácil quanto deixar de ser alemão para nacionalizar-se brasileiro.

Quanto à religião, por melhores que sejam os missionários, nunca conseguiram converter toda a aldeia, mas só os mais jovens, criando atritos entre jovens e velhos e no íntimo de cada um deles. Outros atritos surgem quando alguns índios descobrem que o que plantam e colhem pessoalmente é deles e de mais ninguém, entrando em choque com os outros, que ainda mantêm a noção índia de que todo o plantado e colhido pertence a toda a aldeia. Ainda que consiga sobreviver a êsses choques (comparáveis aos que sentiria um bairro de civilizados, se de repente tivessem todos de recorrer à antropofagia), o grupo de índios logo perceberá que a vida de caboclo é uma vida de misérias (veja o relato de Luiz Fernando Mercadante, na página 48). Na semana passada, em Brasília, a Fundação Nacional do Índio fez um simpósio para pedir aos missionários católicos e protestantes total respeito aos costumes e instituições tribais e à religião do índio. Só adultos é que devem ser catequizados. Manter a religião, porém, não basta. Os carajás (veja o depoimento de Sílvio Sena, página 50), transformados em caboclos turísticos, nunca encenam só para turista ver suas danças religiosas — embora, para sobreviver, enquanto não morrem de doenças civilizadas, vendam tudo, até a alegria de suas danças festivas. Só é boa para os índios uma terceira solução, o lento adquirir de técnicas que a humanidade levou milhares de anos para desenvolver. É o que se faz no Xingu.

outro. Agora, eles estão trabalhando a terra como qualquer caboclo. Falam de Jorjão, um tal Seu Jorge, que está ali há uns anos, jogando lavoura nas terras indígenas. Primeiro milho e feijão, como os índios, e agora o algodão. "Trabalhamos juntos muito por isso. Ele tem capangas e faz ameaças. Mas a gente não arreda o pé. E vem plantar aqui, junto dele; para que ele saiba que a terra é nossa."

O FIM DE UMA RAÇA — As crianças estão todas barrigudas de vermes e não têm escola. E morrem, com doenças sem nome, sem ninguém para tratá-las: Cecília Vieira Helm, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, fala com a experiência de muitos acampamentos junto aos índios: marcham para o fim. Mais dez anos, mais vinte anos, e não sobra um índio para contar a história. Os kain-

gangs já foram dezenas de milhares em cada um dos quatro Estados do Sul. Hoje, não passam de 5 000 entre os 7 000 índios que sobrevivem de São Paulo ao Rio Grande do Sul. Aqui no Paraná são quase 2 000 kaingangs, mas o seu destino poderá ser semelhante ao dos xetás, uma nação primitiva. Nômades, caçadores e coletores de frutos e mel, escorraçados pelo avanço dos cafezais, foram extintos pelo devastamento das florestas onde viviam e, o último grupo, pouco a pouco, a bala, pela fome, pelo sarampo e pela gripe. Hoje, dos cinquenta xetás localizados em 1956, restam seis: três rapazes, duas crianças (ambos meninos) e uma mulher que casou com um guarani, decretando, sem saber, o fim de uma nação. A descoberta dos xetás, o estudo dos seus costumes primitivos, seus machados de pedra, seus estranhos alimentos-larva, por exemplo, chamaram a atenção até do Museu do

Homem, de Paris, que financiou um filme sobre esse povo que vive na Idade da Pedra.

Nem esse interesse, porém, conseguiu livrar a nação xetá do seu destino: hoje, os últimos xetás só terão filhos mestiços e a raça estará acabada. Os kaingangs do Posto Barão de Antonina, entretanto, não estão preocupados com a ameaça à raça, mas com o pão de cada dia. Seu almoço de hoje — um punhado de arroz, feijão e mandioca — será igual ao seu jantar. Carne, de peixe ou porco, só raramente. De vaca, nunca, pois é comida de rico, segundo dizem. Seu sonho mesmo é só um sonho de paz. Querem a terra que é deles para dela tirar o seu sustento. Seu chefe, um chefe sem arma na cinta mas que todos respeitam, fala muito na propriedade da terra: "Estão dizendo que três homens foram na Lua. Podiam arrumar uma terra para a gente lá e deixar a gente em paz".